

## A EDUCAÇÃO, A VIDA, A MORTE, A AMOROSIDADE E EMPATIA: CONVERSAS COM PAULO FREIRE

Odorico Ferreira Cardoso Neto<sup>1</sup>

No dicionário Paulo Freire, o verbete cartas pedagógicas elucida as peculiaridades desta comunicação freireana:

[...] a carta, como um instrumento que exige pensar sobre o que alguém diz e pede resposta, constitui o exercício do diálogo por meio escrito [...] um diálogo que assume o caráter do rigor, na medida em que registra de modo ordenado a reflexão e o pensamento (VIEIRA, 2008, p.71).

Assim, partindo da evidência apresentada acima, resolvemos escrever uma carta ao nosso educador mais representativo de todos os tempos onde quer que esteja e in memoriam.

Querido Paulo,

Tudo bem com a vida depois da morte? Deve encontrar todos os dias com muitos amigos para trocar umas boas ideias e arrebentar o armário da memória tanto das coisas boas como ruins. Aqui vivemos como Chico Buarque

Aqui na terra tão jogando futebol  
Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll  
Uns dias chove, noutros dias bate o sol  
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta  
Muita mutreta pra levar a situação  
Que a gente vai levando de teimoso e de pirraça  
E a gente vai tomando que também sem a cachaça  
Ninguém segura esse rojão (BUARQUE, 1976, Disco Meus Caros Amigos)

Em tempos de pandemia fazem “mutreta” até com a vacina para Covid 19, estamos à beira de uma nova ditadura, existe muita gente que não quer tomar vacina, existe negacionismo e terraplanismo para todos e para cada um. A educação virou pandemônio, um dos ministros da educação no governo Bolsonaro chegou a dizer que na universidade só havia balbúrdia, se andava pelado e se fumava maconha. Contudo, como sabes, praticamente, 90% da pesquisa em nosso país é fruto do que produzem nossas instituições públicas de educação. Aqui só é teimosia, pirraça, resiliência, pois o rojão da nossa existência é enfrentar a

<sup>1</sup> Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia (CUA), lotado no Curso de Letras. E-mail: [kikoptbg@gmail.com](mailto:kikoptbg@gmail.com).

ignorância, a violência gratuita, a negação pela negação. O que nos alenta é o amor à democracia é a nossa capacidade de se reinventar. Estou lembrando de uma de suas célebres frases sobre a reinvenção:

[...] sempre digo que a única maneira que alguém tem de aplicar, no seu contexto, alguma das proposições que fiz é exatamente refazer-me, quer dizer, não seguir-me. Para seguir-me, o fundamental é não seguir-me. (FREIRE. In: FREIRE; FAUNDEZ, 2017,1985, p. 60)

Nossa reinvenção andou sob efeito caranguejo, para o lado, não só, mas para traz! Caro amigo, apesar de todos os esforços em querer fazer o seu justo pedido acontecer o impedimento de Dilma em 2016 foi um pontapé na nossa esperança. Os avanços foram trocados pela truculência daqueles que queriam e querem o patrono da educação brasileira jogado na latrina da história, contudo a latrina da história está reservada aos seus detratores, especialmente, Olavo de Carvalho, arauto do bolsonarismo.

Com certeza, existem muitas dificuldades para conseguir reinventar qualquer coisa, não só na educação, mas também na sociedade, na economia e na educação, tendo em vista que a pandemia já levou mais de 540 mil vidas, infectou 20 milhões de pessoas só no Brasil e precarizou mais ainda a educação. A pandemia intensificou, tornou mais largo e profundo o abismo, pois os dados da educação de 2021 mostram como o empobrecimento da população é impactante. Segundo pesquisa C6 Bank/Datafolha (2021):

[...] as dificuldades impostas pela pandemia fizeram com que 4 milhões de estudantes brasileiros, com idades entre 6 e 34 anos, abandonassem os estudos em 2020. Com isso, a taxa de abandono escolar chegou a 8,4% em 2020. Entre os que pararam de estudar em 2020, 17,4% não têm intenção de voltar em 2021.

Paulo, qual é, então, a luz no fim do túnel? É colocar seu legado para nos ajudar a esperar, colocar todo mundo para pensar, para agir, para fazer, para comemorar o seu centenário de forma engajada, repleta de empatia e amorosidade. Falando em esperar, seu lugar de fala é sempre muito poderoso e nos encoraja a não desistir

É preciso ter esperança, mas esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperança é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperança é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo. (FREIRE, 1992, p.110-111)

Talvez, para seu coração continuar fluindo e refluindo o sangue da esperança mesmo que metaforicamente, do amor irresoluto pela educação que faz oxigenar nossa garra, nossa gana, reforça nosso desejo de fazer com e não para, que sabe a dor e a delícia revolucionária do conhecimento, dando olé na imbecilidade fascista, apresentamos dois relatos de experiência em que a narrativa se assentou nas suas contribuições.

A primeira experiência foi comemorar o seu centenário, cuja pretensão foi aprofundar algumas reflexões de seu capital intelectual, cultural, educacional, antropológico, epistemológico e social e a possibilidade de uma conversa com quem ouviu falar de você, de quem o leu e de quem leu sobre você em outros autores.

O diálogo proposto teve a ver com o estudo de seu legado, a educação, a escola e a política. O debate foi desenvolvido por meio de um projeto de extensão que se estenderá até o final de 2021, a fim de comemorar a memória do pensamento do patrono da educação no Brasil, considerando que a educação é um dos meios que os homens lançam mão para satisfazerem suas necessidades, considerando que pode ocorrer onde não há escola e por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra. Metodologicamente, foi realizado por meio de encontro virtuais, constituído de três ações: AÇÃO 1 - Pensamento de Paulo Freire: leitura, análise, difusão e produção de textos; AÇÃO 2 - Categorias do Pensamento de Paulo Freire; AÇÃO 3 - 100 anos de Paulo Freire: contribuições educacionais do patrono da educação brasileira.

A relevância do projeto foi que tivemos 160 inscritos, efetivamente, 100 cursistas participaram dos seis encontros virtuais realizados. Aliás, tinha gente até de Angicos. As ações aconteceram nos dias 03/09 e 04/09 (Ação 1); 09 e 10/09 (Ação 2) e 23/09 e 24/09 (Ação 3). O

lado, cada um apresentou especificidades próprias das ciências que estavam relacionados e; por outro, todos convergiam no sentido de um melhor entendimento das questões políticas, sociais e educacionais do país.

A minha responsabilidade com o projeto foi desenvolvida na ação 7 – A filosofia, os embates políticos, a empatia, a inclusão, os sentidos da vida e da morte na pandemia. A ação teve como objetivo multiplicar o gosto pela reflexão, pela capacidade de ler o mundo sob a batuta da liberdade um pouco tutelada por um diálogo orgânico, esmerado de fios condutores para que didaticamente se construísse e/ou se construa uma análise da realidade baseada no vigor da ciência que tem coração, pede afeto, pede abraço, pede carinho, pede razão, tolerância, respeito às diferenças, que é plural e diametralmente contraditória; uma nau sem

rumo, sem lenço, sem documento, pede paz, mas se engalfinha nas suas guerras mais mesquinhas.

Ao fim e ao cabo, se buscava ajuda mútua entre professores (as) e acadêmicos (as) para que enfrentem momento tão complexo: a morte não consegue se explicar diante da vida, se discute um “novo normal”, pois o “antigo normal” não conhecia a pandemia, ela impôs isolamento social, descobriu-se a falta de empatia governamental, a produção de desafios que traumatizaram o já dito e o já posto.

A ação evidenciou que a prática da educação libertadora, que liberta para a vida e faz sucumbir a morte está grávida da esperança, pois a liberdade é indispensável à conscientização assumida como finalidade.

Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. (FREIRE, 2000, p. 67)

Paulo, meu amigo, desculpe delongar-me, mas o coração anda apertado: é educação em xeque, são os heróis da saúde se matando para salvar, mas sendo fruto do trabalho é um dossiê que será publicado até o final de 2021.

A segunda experiência foi a participação no Projeto de Extensão - Educação em tempos de pandemia: contribuições das ciências humanas e sociais O projeto de extensão teve como objetivo principal discutir com os acadêmicos e membros da comunidade externa temas diversos relacionados à educação que afetam, em tempos de pandemia, pessoas e grupos sociais, principalmente, os mais vulneráveis em termos econômicos e sociais. Para isso, sete temas foram abordados, por um mortos pela falta de respeito, com falta de salários dignos, é uma nação dirigida por fascistas que preferem a morte à vida. São muitos desafios, até dizem por nossas bandas terrenas que o Cristo Redentor fechou os braços e escondeu os olhos de tanta preocupação.

Para fechar, converse com Deus sobre os nossos atuais e próximos desafios: a construção histórica da luta a favor da vida; um consenso possível sobre como enfrentar o “novo normal” e velhos dilemas, sobre autonomia vivencial e autonomia institucional, liberdade como parâmetro democrático e de cidadania, superação da ação política de um governo para alcançar a consolidação da ação política de Estado; a afirmação da educação como direito universal, como dever do estado e como compromisso da sociedade, a pandemia não sei se nos tornará melhor, mas nos obrigará a pensar sobre o que fomos, somos e seremos

Desculpe, ainda, solicitamos: convença o céu, já que na Terra é quase impossível – a educação mais do que nunca precisa estar no centro das atenções e que não existem super-heróis, mas educadoras e educadores a mover a TERRA todos os dias a favor de outro mundo possível. Já ia esquecendo seu grande amigo Gadotti manda um recado:

[...] Pedagogia do Oprimido torna-se, assim, uma espécie de mapa de navegação em tempos nebulosos [...] A Pedagogia do Oprimido é um marco na história do pensamento pedagógico universal. Como livro síntese da concepção libertadora da educação, ele desvelou as artimanhas da pedagogia do colonizador e colocou um poderoso instrumento de luta nas mãos dos oprimidos, dos que com eles são solidários e dos que com eles lutam. (p.5-6)

Parafraseando Marx, “oprimidos, uni-vos”! Sem união o bicho pega, o fascismo chega, a ignorância se estabelece e o direito ao conhecimento se esvai. Paulo, um beijo fraterno e cheio de empatia terrena, que o céu o ilumine e ilumine a todos nós.

Até breve, meu caro. Estou sempre a espera de boas novas.

KIKO

PS: Sei que seu tempo é ocupado com conferências celestiais, mas peço permissão para que na próxima carta possa contar sobre a experiência de discutir com acadêmicos e acadêmicas do curso de Letras suas contribuições em relação à linguagem. Não sei como funcionam os movimentos de translação e rotação no céu, mas espero seja breve nosso próximo encontro. Só um detalhe: prefiro que eu continue aqui na Terra, por enquanto, é claro!

## REFERÊNCIAS

BUARQUE, Chico. **Meu caro amigo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3VT5j1CV-hQ>. Acesso em: 28 jul. 2021.

Folha de São Paulo. **4-milhoes-abandonaram-estudos-na-pandemia**, diz pesquisa. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/01/cerca-de-4-milhoes-abandonaram-estudos-na-pandemia-diz-pesquisa.shtml>. Acesso em: 29 jul. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

KOHAN, Walter. **Paulo Freire, mais que nunca: uma biografia filosófica**. Belo Horizonte: Vestígio, 2019, 269 p.

Vieira, A. Cartas Pedagógicas (verbete). In D. Streck, E. Redin, & J. J. Zitkoski (org). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica,, 2008, p. 71-73.

